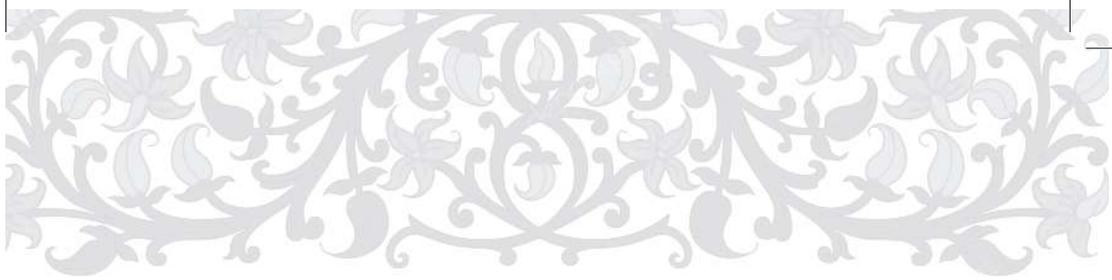


Bárbara Simões

GUINEVERE

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2022



CAPÍTULO 1

Eu sou Guinevere. Esse é o nome que me deram, que ele me deu quando primeiro me viu naquele buraco. Foi ele quem me tirou de lá. Meu salvador.

* * *

Antes eu tinha outro nome, de cujo som eu nem me lembro mais, a não ser quando os sinos pesados tocam, e eu escuto o seu eco indo para longe, atravessando esses muros, voando sobre uma relva verde e cheia de bruma que tantas vezes acolheu meu corpo cansado e me deu repouso. Agora não me canso mais. Estou sempre acordada, de dia, de noite, vigio. Espero o retorno dele. Espero que ele venha me buscar e, na solidão da minha cela, eu me ajoelho e não tenho voz, então murmuro enquanto os sinos dobram com uma liberdade e uma violência que me gelam até as pontas dos dedos. Vigio. Ninguém vem, a não ser em meus sonhos. Não sei bem se sonho ou se ouço pés nos pátios cheios de vento. Aqui faz frio, e me encolho na cama ao ouvir o som dos passos que não sei se vão nos corredores de fora da minha cela ou de dentro da minha alma. Às vezes, tenho medo. Então, escrevo.

Preciso narrar minha história. Preciso contar. Peguei a tinta, os pergaminhos, as penas. Peguei tudo com a senhora sem pele. Ela é quieta, pisa leve nos corredores do claustro. Quase não escuto quando se aproxima. Mas pressinto sua presença. Ela nunca sorri, os olhos quase não se movem no rosto sem pele. Ela trouxe as penas e as tintas no chifre e me disse onde estavam os pergaminhos. No baú que ela guarda. Eu fui lá à noite e peguei. Raspei o que havia sido escrito em uma língua que ninguém conhece mais e comecei a contar minha história, e a tinta acabou, mas eu aprendi a fazer mais e faço mais tinta quando preciso. Escondo o que escrevo, escondo deles todos. Tenho medo que muitos olhos voltem e vejam tudo, aqueles olhos que fizeram com que o meu rei me pusesse na estaca. Não quero voltar à estaca, então escondo os rolos escritos embaixo do meu catre, mas espero que ele venha me resgatar dessas paredes, que ele volte, me abrace. Espero e receio. A história poderia ter sido diferente se você tivesse escutado minha voz.

Nossa história começou quando você entrou naquela sala meio escura. Eu o vi entrando, embora e talvez agora você nem se lembre mais. Ou nem mesmo sabia, na ocasião. Nunca soube. É claro que não o deixei ver que eu o olhava. Não deixei ninguém ver, nem naquele dia, nem depois, nem depois e depois. Até que passei muitos dias longe de você, e, quando você voltou, não podíamos mais esconder o que logo se soube. Triste como tudo teve que acontecer. Triste tarde de outono. O vento. Mas isso foi muito depois da tarde em que você entrou na sala escura. Preciso narrar, e minha memória agora não me falha.

Vejo a sala escura em que eu e o rei conversávamos. Ele falava, eu consentia, e essa era a conversa. Mas eu passeava

naqueles olhos azuis quase sem escutá-lo e estava confortável. Ouvi um estrondo, e a porta pesada de madeira do salão se abriu. Você entrou, e outros atrás. Foi quando aconteceu. Você entrou primeiro, como sempre fazia. A força de suas passadas atrapalhou o ritmo da minha respiração. Não tive mais ar e me refugiei instintivamente na direção oposta à que você entrava com sua espada, escudo, botas, elmo e olhos. Afastei-me para o lugar da sala em que não batia sol. Todo o resto ainda estava iluminado, e eu tenho vertigens só de me lembrar do efeito daqueles raios nos ladrilhos do chão e nos cabelos claros do rei. Fui para o canto onde permaneci em luta extrema para controlar o ritmo do ar que ia ficando grosso em volta de mim. Amparei-me no baú. Você então me olhou.

— Rei Arthur, finalmente voltou o príncipe Lancelot.
— O homem que vinha atrás curvou-se. Você ainda me olhava. Estaria tentando divisar meu rosto naquelas trevas em que eu me escondia? Hoje não sei, não quero saber, só imaginar. Nosso primeiro encontro em Camelot, e não consigo saber com precisão o que se passou ali. Você fixou os olhos em minha direção. O que movia as expressões aterrorizadas do seu rosto? Não sei. Poderia ter sido arrogância masculina, vontade de potência e controle do escuro. Mas eu nunca teria pensado nisso, embora já naquela época conhecesse tal prepotência malévola e atraente, deliciosa. O que dá vida ao mundo e pode retirá-la com a rapidez de um pensamento. Doce violência. O rei caminhou em sua direção, e você finalmente o viu.

Vocês disseram palavras de amor um ao outro e se abraçaram. Levou um tempo para que ele se lembrasse de mim. Eu estava confortável no escuro. Olhava para o grupo de

homens armados. Lembro-me que Gawain estava entre os que haviam entrado. E mais dois ou três. Kay era um deles. Ele nunca gostou de mim. E Bors. Mas isso importa pouco. Arthur me chamou.

— Aqui está a rainha Guinevere. — Arthur estendeu um braço na minha direção. Eu saí do meu escuro e caminhei pelos lugares do salão em que o sol batia, e a claridade me doía, atravessava-me, desnudava-me, violava-me a vontade e roubava minha potência, mas eu caminhava, e cheguei em poucos passos ao lado do meu senhor, e fiquei lá vendo você e os outros me reverenciarem e sentindo de novo a respiração tomar ritmos errados. Você não ouviria minha voz naquele dia.

— Minha senhora, não se sente bem? Quer ir se deitar?

Eu só consenti com a cabeça. Beije a mão do meu protetor e deixei aquele lugar de miséria em direção a qualquer outro onde houvesse ar para que eu não morresse sufocada. Saí quase correndo. Arthur me entendia sempre e me viu sair com um sorriso e um olhar. Olhos lindos. Eu amava aqueles olhos. Quando os olhava, sabia que estaria segura, enquanto eles se mantivessem claros e limpos, enquanto aquele azul permanecesse bom para navegar. Eu navegava ali por horas ou por brevíssimos instantes, sempre que ele me abraçava no escuro, à luz da lua, das lamparinas, das tochas, do sol. Era frequente o seu abraço, frequente e forte, e de repente sinto-me abraçando a mim mesma aqui, nessa cama sozinha, e não sei se é ele que vem ou que veio na noite anterior e me levou ao abismo de novo. Jogo perigoso demais o que jogamos. Eu não podia me calar, falava, pedia, implorava. Mais. Minha alma e meu corpo pareciam insaciáveis. Não é como tinha que ter sido antes, ou como

tem que ser agora, com meu repouso no meu doce e novo esposo. Não sei se foi ele-Jesus ou Arthur quem me tomou ontem à noite. Alguém me tomou. Fiquei inerte, a respiração acabou, pensei que morrera. Só pequena morte. Logo eu acordava da vertigem e podia divisar de novo com os olhos embaçados de lágrimas de êxtase a pobreza da minha cela. Vi os objetos surgindo aos poucos. Deve ter sido assim que eu surgi naquela tarde, aos poucos, diante dos seus olhos, meu querido. O realismo de certas visões embaça as puras verdades que a gente defende na alma.



CAPÍTULO 2

O dia em que Lancelot voltou de sua missão perdida na Bretanha não terminou tão cedo. Tão logo o sol se pôs, o grande salão foi aberto, e bandejas com carne de veado, de porco, queijo e pão foram trazidas por muitos servos. Havia música e frutos macerados. Havia versos de amores perdidos e de batalhas achadas, e a lua ajudava as tochas na iluminação do banquete. Muitos guerreiros bebiam, damas dançavam, crianças corriam por toda parte. Guinevere também participara da festa pelo retorno do príncipe. Naquele tempo, Guinevere era eu. A rainha. Lá estava ela, tocando a harpa que o rei Arthur lhe dera. Cantava e tocava e via que os guerreiros se deleitavam com sua música. Tudo a um só tempo e em trágica concomitância. O rei a olhava com olhos enternecidos, uns olhos claros muito fixos. Ela pôs o instrumento de lado, calando-se. Os homens aplaudiam, as damas aplaudiam, o rei a beijava. Guinevere se recompôs após o beijo do rei e olhou à frente. Deu com os olhos do príncipe recém-chegado da Bretanha pregados nela. Uns olhos penetrantes, cheios de lâminas. Agradeceu aos céus pelas sombras que cobriam agora suas faces coradas. Sentia algo muito quente, era o rosto, os olhos chegavam a doer, mas não os desviou do olhar daquele homem. Lancelot.

— A rainha canta como anjo, Senhor. — ela via os lábios dele se mexendo — Gostaria de ouvi-la mais vezes. Sua voz é inspiração para nosso desejo de guerrear.

— Sempre poderá ouvi-la, querido amigo. Em breve, sairemos rumo às fronteiras do leste e de Cerdic. Então, sentiremos falta dessa harpa! — O rei levou a taça de chifre à boca.

— Senhor, estou a serviço de sua vontade! — Lancelot ergueu sua taça. — E da rainha! — ele a encarou novamente, sem piedade. Ela baixou os olhos.

Arthur parecia ler-lhe os pensamentos às vezes. Nessa noite, porém, seus ouvidos estavam entorpecidos. Ainda que gritasse, ele não ouviria nada. Bebia muito. Celebrava com os homens o retorno de Lancelot e de Tristam. Celebrava a próxima excursão ao leste. Estava jubiloso demais para notar o pavor tímido que invadira o olhar dela. Talvez nem Lancelot o soubesse de fato. Algum dia soube? Estranha felicidade a dos homens reunidos, louca vontade de sair dos portões tão seguros daquela fortificação, de pisar relvas cheias de estrangeiros, de impor o cavalo e a espada em terras já perdidas. Mas tratava-se de defender o território. Para que tanta defesa se nunca podiam gozar dele? Nunca sentar simplesmente em um dos bosques da Dumnônia ou de qualquer outro lugar e deixar a água do riozinho apagar memórias ruins com aquele ruído familiar, uterino, de onde estávamos exilados para todo o sempre? Estranho ímpeto o que movia a vontade geral, estranha celebração de feitos futuros em que vidas seriam perdidas, cabeças seriam cortadas, casas seriam queimadas. Era melhor ouvir o rio.

Arthur não o ouviria. Era noite alta. Ele queria beber mais. Bebeu, mas não a ponto de cair. Ergueu-se quando muitos já estavam caídos e a loucura começava a tomar

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

AUTORA

E-mail: barbarasimoes2005@uol.com.br
Facebook: Bárbara Simões Daibert

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em janeiro de 2022.
